

## EDUCAÇÃO ORATÓRIA NO *DE ORATORE* DE CÍCERO

BEATRIZ ÁVILA VASCONCELOS\*  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
da Universidade de São Paulo

RESUMO: Nos três livros do *De oratore* Cícero fala da educação que deve formar o orador, ou, mais propriamente, o *summus orator*, ideal ciceroniano de orador e de homem. Para Cícero, a formação de um tal orador exige, de um lado, um currículo bem mais amplo que o das escolas dos retores da época e, de outro, uma experiência pública que o ensino dos filósofos não fornecia. É no trato com estas duas tradições educacionais de seu tempo, ambas de linhagem grega, e na tentativa ainda de resgatar e ampliar a antiga maneira romana de educar que Cícero cria, ao longo do *De oratore*, a sua concepção de educação oratória. No presente artigo falaremos sobre alguns de seus aspectos.

PALAVRAS-CHAVE: retórica; educação romana; Cícero; *De oratore*.

### O método

Para Cícero, palavra e humanidade estão co-envolvidos. O homem é homem e distingue-se dos animais porque fala, sobretudo porque diz (*De or.* I, 32-33).<sup>1</sup> *Dicere* torna-se, portanto, bem mais que uma habilidade específica. É a atividade humana por excelência. Como tal, esta atividade nasce com o homem. Para ser levada à perfeição, porém, é preciso cultivá-la por meio de uma educação que vise à formação do sumo orador, pois somente este poderá realizar a eloquência perfeita.

Mesmo admitindo que a habilidade para o dizer seja característica inata ao gênero humano, uma vez que o que se quer é educar para a sumidade oratória, é ponto pacífico no *De oratore* que se deva partir de uma natureza talentosa. O *magnum ingenium* é condição indispensável para a formação do *summus orator*: “Em primeiro lugar, é a natureza e o talento que conferem força máxima ao dizer” (I, 113). Quanto a este ponto, é absoluto o acordo entre as duas personagens que polarizam o diálogo, Licínio Crasso e Marco Antônio.<sup>2</sup> Mas tanto para Crasso como para Antônio, a educação

oratória então praticada nas escolas dos retores não bastava para dar ao *magnum ingenium*, este nobre material, a forma de um grande orador.

A educação nas escolas dos retores, de tradição sofisticada, consistia sobretudo em ensinar ao aluno de oratória preceitos técnicos sobre o dizer por meio de manuais chamados de *ars rhetorica*, ensino demasiadamente formal e pouco eficiente na visão dos dois oradores do diálogo. A *doctrina dicendi* deveria ser algo bem mais abrangente. Esta formação mais ampla, ofereciam-na os filósofos. Estes, porém, furtavam-se à tarefa cidadã, o que evidentemente não se poderia coadunar com a finalidade tradicionalmente política da atividade oratória. Nem Crasso nem Antônio se mostram satisfeitos, seja com o ensino dos filósofos, seja com o dos retores. No entanto, discordam entre si quanto aos elementos que devem constar de um bom e eficiente ensino oratório.

O debate entre Crasso e Antônio representa, na verdade, uma antiga querela entre o próprio Cícero e seu irmão Quinto, a quem Cícero dedica o *De oratore*. Na boca de Antônio, Cícero põe as idéias de Quinto, segundo o qual a eloquência dependia unicamente do talento natural (*ingenium*) e de uma exercitação prática do dizer (*exercitatio dicendi*).<sup>3</sup> Para Crasso, porta-voz das opiniões do próprio Cícero, ao *ingenium* e à *exercitatio* dever-se-ia juntar ainda a aquisição de uma ampla cultura, a *omnium rerum scientia*, na qual se destacava o estudo da filosofia.<sup>4</sup>

Ao longo de todo o *De oratore*, evidencia-se a má disposição de Cícero para com o molde das escolas dos retores – molde grego, dado sempre lembrado no diálogo.<sup>5</sup> A própria maneira escolhida por Cícero para expor os preceitos do dizer em seu *De oratore*, isto é, através de romanos “os mais eloqüentes”, pode ser vista igualmente em oposição às “cantilenas escolares” dos *Graeculi*.<sup>6</sup> O método proposto por Cícero é antigo: aprender eloquência por palavras eloqüentes e fazê-lo escutando romanos de grande experiência política e distinção cívica, respeitando assim o caráter patricio da educação romana tradicional.

Assim, logo no preâmbulo à obra, Cícero anuncia a seu irmão Quinto:

*repetamque non ab incunabulis nostrae veteris puerilisque doctrinae quendam ordinem praeceptorum, sed ea, quae quondam accepi in nostrorum hominum eloquentissimorum et omni dignitate principum disputatione esse versata (I, 23)*<sup>7</sup>

não irei retomar desde o princípio uma determinada ordem de preceitos de nossa antiga doutrina recebida quando meninos, mas aquelas coisas que ouvi certa vez terem sido versadas em uma discussão entre os nossos mais eloqüentes homens e primeiros em toda a dignidade.

A idéia de uma *disputatio* remete certamente ao método da *disputatio in utramque partem*,<sup>8</sup> que remonta a Aristóteles e vigora sobretudo entre os neo-acadêmicos, pelos quais Cícero sabidamente demonstrava grande inclinação. Desta forma, poder-se-ia dizer que o modelo educacional seguido por Cícero não deixa de ser grego.<sup>9</sup> Porém, o tom familiar das personagens do diálogo, sempre tendentes à conciliação, cria uma atmosfera bastante romana. Menos que adversários intelectuais, dialogam antes patrícios, “caríssimos e grandes amigos” (II, 15), informais até mesmo na terminologia.<sup>10</sup> Tudo isso parece revelar o desejo de Cícero de pintar o quadro de uma aula de oratória genuinamente romana.

A certa altura do livro I do *De oratore* (I, 96-102), Cota, Sulpício e Múcio Cévola, participantes do diálogo, rogam a Crasso que exponha a sua opinião sobre a existência ou não de uma arte do dizer (*ars dicendi*). Crasso, em tom de desprezo, diz que, para dissertar sobre tal questão, seria melhor consultar “um grego qualquer” (I, 104).<sup>11</sup> Os ouvintes protestam, pela voz de Múcio Cévola, com estas palavras:

*Gerendus est tibi mos adolescentibus, Crasse, qui non Graeci [alicuius] cotidianam loquacitatem sine usu neque ex scholis cantilenam requirunt, sed ex homine omnium sapientissimo atque loquentissimo atque ex eo, qui non in libellis, sed in maximis causis et in hoc domicilio imperii et gloriae sit consilio linguaque princeps, cuius vestigia persequi cupiunt, eius sententiam sciscitantur* (I, 105)

Deves tu, Crasso, dirigir-te a estes jovens,<sup>12</sup> os quais não pedem a quotidiana loquacidade sem prática de um grego qualquer, nem a que sai da cantilena das escolas, mas sim a que vem do homem mais sábio e eloqüente de todos, deste que não por livrecos, mas nas maiores causas e nesta morada do império e da glória é, quanto à capacidade de deliberar e de falar, o primeiro; deste, cujas pegadas desejam seguir, é que eles buscam o parecer.

Crasso é apresentado aqui ao mesmo tempo como discípulo cultivado da maneira correta e como mestre.<sup>13</sup> Acerca da *ars dicendi* os romanos devem ouvir antes eloqüentes como este – ainda que aleguem imperícia e falta de experiência no assunto<sup>14</sup> – a receber as lições de “algum greguinho ocioso, falador e metido a douto e erudito” (I, 102). Esta passagem é ilustrativa do método de educação oratória que Cícero desejou adotar em seu *De oratore*:

[...]dabis hanc venia, mi frater, ut opinor, ut eorum, quibus summa dicendi laus a nostris hominibus concessa est, auctoritatem Graecis anteponomam (I, 23)

[...]dar-me-ás esta licença, meu irmão, segundo a minha opinião: que eu anteponha aos gregos a autoridade daqueles aos quais nossos homens concederam o sumo louvor de discursar.

Assim motivado, Cícero põe-se a rebater dois vícios da educação que ele denuncia como “grega”: 1. o seu caráter excessivamente livresco e pouco ou nada afeito à vida pública e 2. o seu tecnicismo, isto é, a sua redução ao ensino de regras técnicas do dizer. O primeiro vício Cícero ataca opondo-lhe a noção de prática ou experiência oratória (*exercitatio, usus*). O segundo vício é combatido pelo ideal ciceroniano de erudição, isto é, pela busca da “*omnium rerum scientia*”, a ciência de todas as coisas, um conjunto de conhecimentos que pretende ultrapassar em muito o contido nos manuais técnicos de retórica.

#### **A melhor das doutrinas: *vita et sapientia***

[...] neque enim apud homines res est ulla difficilius neque maior neque quae plura adiumenta doctrinae desiderare (III, 84)

[...] entre os homens, com efeito, não existe nada mais difícil, nem maior, nem que necessite de maior auxílio da doutrina [do que o sumo orador].

No desenvolvimento deste trecho o Crasso de Cícero, emissor das palavras acima, acrescenta-lhes uma restrição. A doutrina é de grande importância ao orador, mas este não deve dedicar ao aprendizado dela mais tempo que o estritamente necessário. Há mais coisas que devem ter lugar na formação oratória. O verdadeiro orador não pode ser do tipo que, consumindo seu tempo no aprendizado da doutrina, “deixa escapar a vida” (III, 86).

Ora, para um romano, viver está longe de se reduzir a um processo biológico. A vida que o orador não pode deixar escapar também não é a “vida!”, naquele sentido do viver sensações e experiências individuais. A vida, essa em que o viver do homem romano se realiza plenamente, é sinônimo de vida pública. É a essa que, no entender de Crasso, o orador não pode se furtar, refugiando-se unicamente no estudo de uma

doutrina oratória que, por oposição à *uita*, como vivência prática, pode ser entendida de maneira geral como teoria do dizer. Assim, o que Crasso está criticando naqueles que perdem demasiado tempo com o aprendizado de uma doutrina puramente teórica é o fato de não se dedicarem à necessária prática oratória, que se faz na vida pública e sem a qual não se pode formar verdadeiramente um orador. Não se deve esquecer que o principal objetivo da educação oratória sempre fora, desde os sofistas gregos, a formação do político, do homem capaz de assumir os deveres de Estado. Neste particular, Cícero não foge a tal tradição e, por isso, para ele a *uita*, a prática, a experiência são elementos fundamentais na formação do orador, através dos quais o aprendizado da doutrina faz-se rápida e facilmente: “o conhecimento das coisas fica fácil se a prática (*usus*) firma a doutrina” (III, 88), diz Crasso.

A oratória fora tradicionalmente em Roma um hábito (*consuetudo*) e uma prática (*usus*) (I, 81 et seqs.). Até meados do séc. II desconhecia-se ali a teorização retórica com a qual os gregos contavam já desde o século V a. C.<sup>15</sup> Não obstante, os romanos apoiavam-se em uma consolidada tradição oratória. A própria educação de Crasso é um exemplo desta instrução “prática” dos antigos romanos:

*Ego enim sum is, qui cum summo studio patris in pueritia doctus essem [...], cui disciplina fuerit forum, magister usus et leges et instituta populi Romani mosque maiorum* (III, 74)

Eu mesmo sou alguém que, na infância, fui educado pela total dedicação de meu pai [...]: para mim a disciplina foi o fórum; o professor foi a experiência, as leis e instituições do povo romano e os costumes dos antepassados.<sup>16</sup>

Mesmo não possuindo a educação formal das escolas de retórica, Crasso, ao lado de Antônio, é considerado por Cícero um orador modelar. A alegada falta de educação formal dos debatedores do diálogo facilitava a Cícero a defesa de uma educação não adstrita ao aprendizado de preceitos técnicos do dizer e, ao modo antigo, fundada antes na experiência oratória. Ainda assim, na introdução ao livro II do *De oratore* Cícero expressa ao irmão Quinto que uma de suas intenções ao escrever aquele diálogo seria dissipar a crença, difundida na época, de que Crasso e Antônio eram *indocti*, isto é, sem doutrina, sem formação, sem conhecimento da arte dos retores (II, 7). Para Cícero, esta falsa idéia nascera de uma má interpretação das posições de Crasso e de Antônio acerca da *doctrina* ou *ars dicendi*. Não que eles desconhecêssem estas coisas, mas Antônio achava que entre o povo romano o seu discurso haveria de ter mais aprovação caso se pensas-

se que ele jamais havia aprendido qualquer coisa.<sup>17</sup> Crasso, por sua vez, menosprezando tal instrução, de linhagem grega, antepunha a ela a *prudentia* dos romanos (II,4).

Ainda que Crasso não tivesse sido educado pela doutrina dos retores (embora tivesse ouvido, já adulto, algumas de suas lições), Cícero o considera um *doctus*, um homem de *doctrina*. O juízo de Cícero acerca de Crasso é compreensível. É fácil perceber no *De oratore* que a expressão *doctrina dicendi* não designa sempre a mesma coisa. Ora refere-se estritamente aos preceitos técnicos do dizer contidos nos manuais, ora parece indicar uma coisa maior, um conjunto de conhecimentos mais amplo que o apresentado pelas *artes* dos retores.<sup>18</sup> Esta doutrina maior – “*optima doctrina*” – é que teria gerado, juntamente com “ingênios sumos, os mais denodados estudos, e uma prática intensa” (II, 11), a magna eloquência de um Crasso e de um Antônio.

No âmbito desta doutrina superior a *ars dicendi* dos retores deixa de ser a doutrina, constituindo-se então em apenas uma parte daquela doutrina maior. Tanto Crasso quanto Antônio consideram ser a doutrina ou arte dos retores de alguma valia para o orador, mas de uma valia bastante limitada. Antônio critica os retores por exagerarem a importância de sua arte e os filósofos por a negarem inteiramente (I, 110). Crasso, por sua vez, considera a *ars dicendi*, “ainda que não necessária para o bem dizer, não indigna porém de ser conhecida” (I, 146). E ainda:

*istorum artificum doctrina ... quam ego si nihil dicam adiuuare, mentiar; habet enim quaedam quasi ad commonendum oratorem, quo quidque referat et quo intuens ab eo, quodcumque sibi proposuerit, minus aberret* (I, 145)

a doutrina destes artífices ... se eu dissesse que ela não ajuda em nada, estaria mentindo; de fato, ela possui certos [preceitos] como para advertir o orador sobre a que cada coisa se refere e para que, atento àquilo – seja o que for – a que se haja proposto, disso se afaste o menos possível.<sup>19</sup>

Na educação oratória propugnada no *De oratore* a *ars dicendi* tem o seu lugar. Mas não é o suficiente para formar o orador: deve ser somada à *uita*, ao *usus*, e ainda a uma ampla erudição, isto é, à *sapientia*, formando um saber uno e abrangente.

*neminem eloquentia non modo sine dicendi doctrina, sed ne sine omni quidem sapientia florere unquam et praestare potuisse. Etenim ceterae fere artes se ipsae per se tuentur singulae; bene dicere autem, quod est scienter et perite et ornate dicere, non habet definitam aliquam regionem, cuius terminis saepe teneatur* (II, 5)

ninguém jamais pode florescer e sobressair-se na eloquência, não só sem a doutrina do dizer, mas ainda sem uma total sapiência. É que as outras artes se sustentam sozinhas, por si mesmas; o bem dizer, porém – isto é, o dizer de maneira sábia, hábil e ornamentada – não tem um campo definido cujos limites possam ser demarcados.

É importante notar que o termo *sapientia*, tradução latina do termo grego *philosophia*, é utilizado por Cícero no contexto da retórica com a intenção de unir, ou antes, reunir filosofia e oratória, de fazer do *eloquens* novamente um *sapiens* e vice-versa. Extraídos de uma intensa prática forense, os conhecimentos “sobre a vida, sobre os costumes, sobre a virtude” foram tomados pela filosofia como exclusivamente de sua alçada, segundo o Crasso de Cícero, e retirados do domínio da oratória. Houve então a cisão entre doutos (filósofos) e dissertos (oradores), isto é, entre os que possuíam cultura filosófica (o conhecimento de todas as coisas) e os detentores de um saber técnico sobre o dizer. Era a cisão entre *sapientia* e *ars dicendi*, entre os que conhecem e os que falam:

*Hinc discidium illud existit quasi linguae atque cordis, absurdum sane et inutile et reprehendum, ut alii nos sapere alii dicere docerent* (III, 61)

Daí surgiu aquele divórcio como que entre palavra e razão, completamente absurdo, prejudicial e repreensível, ensinando-nos uns a saber e outros a dizer.<sup>20</sup>

Esta cisão torna-se mesmo absurda ante a opinião de que o bem dizer e o bem saber são intrinsecamente interdependentes: se as palavras iluminam o conteúdo, por sua vez “a riqueza de conteúdo gera a riqueza de palavras” (III, 125).

*Nam cum omnis ex re atque verbis constet oratio, neque verba sedem habere possunt si rem subtraxeris, neque res lumen, si verba semoveris* (III, 19)

Pois se todo discurso consta de assunto e palavras, nem podem as palavras ter uma sede se subtraíres o assunto, nem o assunto ter clareza se retirares as palavras.

O conhecimento de diversas coisas é, portanto, condição da eloquência. Sem isso, “a fluência de palavras torna-se vazia e ridícula” (I, 17). Daí a necessidade de se

fazer do orador também um filósofo, um conhecedor das coisas. Se a poesia ensina o orador a ornar e ritmar o seu discurso, a filosofia fornece-lhe o estofo. O orador deve saber falar, não só dos assuntos certos e definidos (*causae, quaestiones finitae*), mas também das questões mais abstratas e universais (*indagationes, quaestiones infinitae*) – dos deuses imortais, da piedade, da concórdia, da amizade, do que é comum aos cidadãos, dos homens, das nações, enfim, de todo tipo de virtude – assuntos tradicionalmente reconhecidos como próprios da filosofia (I, 56).<sup>21</sup> E sobretudo da Ética – a parte da filosofia que trata “da vida e dos costumes” dos homens – o orador não pode prescindir, uma vez que ela lhe fornece os conhecimentos necessários para conduzir adequadamente os ânimos dos ouvintes (I, 53). Neste particular, segundo Crasso, o orador não estaria senão reavendo uma propriedade sua, pois a Ética “sempre pertenceu ao orador” (I, 68).

Embora Crasso e Antônio valorizem a educação pela prática, sua eloquência não poderia ter surgido só com as lições da experiência, por mais ricas que fossem. Eles mesmos revelam ter ouvido atentamente os filósofos (I, 45 e 82). Valorizando o estudo da filosofia, Cícero pretende ampliar não só o ensino grego dos retores, mas também a própria formação oratória romana tradicional. Ele quer tornar o orador não um mero “operário de língua célere e exercitada” (I, 83), mas um homem sábio.<sup>22</sup> Por outro lado, pretende fazer com que o orador ultrapasse o filósofo, na medida em que naquele sapiência e atividade pública não se excluem como neste (cf. III, 59).<sup>23</sup>

O livro III do *De oratore* é amplamente dedicado à relação entre filosofia e eloquência.<sup>24</sup> Nele Cícero defende a unidade dos saberes humanos, bem como o conhecimento universal, a *omnium rerum scientia*, originado da compreensão desta unidade (III, 19-24). Em certa passagem (III, 132-143)<sup>25</sup> Cícero põe Crasso a contar uma história, um mito, do qual se utiliza para defender a unidade do saber que vigoraria entre os antigos (o que por si só já era, para romanos tradicionais, um forte argumento de defesa), e também para mostrar os perigos de uma excessiva especialização do conhecimento. Segundo tal relato, os antigos romanos e gregos conheceram aquela primitiva unidade do saber que consistia, sobretudo, na unidade entre filosofia e eloquência, ou entre saber teórico e experiência pública do dizer. Por partilharem desse saber unificado, aqueles homens se aplicavam ao conhecimento de todas as coisas. Mas tal saber foi dividido em partes e enfraquecido. Cada um se ocupava de uma parte, descurando-se das outras. Isso ficou assim até que Aristóteles novamente “juntou o conhecimento das coisas com a exercitação do discurso” (I, 141), reunificando o saber ou, em termos concretos, unindo novamente filosofia e eloquência.

Quanto a essa reunificação do saber “realizada por Aristóteles”, Cícero pretende-se seu continuador.<sup>26</sup> Mas vai ainda além. Na união entre *rerum scientia* e *exercitatio*

*dicendi* interessa-lhe, sobretudo, fazer com que o legado grego dos filósofos – com sua *sapientia* – una-se à *consuetudo dicendi* dos romanos, à sua tradição oratória e política (III, 95).

Para Cícero a doutrina oratória ideal seria então esta em que estivesse presente a antiga unidade do saber que os antepassados conheceram; uma doutrina capaz de fazer o orador eloqüente e filósofo, disserto e douto, homem público e erudito; uma doutrina que não se apartasse da prática do dizer, ao mesmo tempo em que proporcionasse uma ampla cultura. Em duas palavras: *uita* e *sapientia*, esta a doutrina romana digna de formar o sumo orador.

## NOTAS

- \* Mestre em Latim do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.
- 1 As subseqüentes referências a passagens do *De oratore* prescindirão da indicação da obra, constando apenas do número do livro (em número romano) e do trecho (em número arábico).
  - 2 Como exemplo da posição de Crasso sobre a questão, cf. I, 113-115; como exemplo da de Marco Antônio, cf. I, 126.
  - 3 Sobre as posições de Cícero e Quinto, cf. I, 5. Sobre a posição de Antônio, cf. I, 261-262.
  - 4 Cf. I, 17 e 20, para a opinião de Cícero. O mesmo na boca de Crasso em, por ex., I, 48 e 72.
  - 5 A crítica mordaz aos retores gregos é muito freqüente no *De oratore* (cf., por ex., I, 47 e 105; II, 75-77) e é bastante representativa da rejeição que inicialmente eles sofreram em Roma. Sabe-se que Crasso – porta voz de Cícero no diálogo – mandou, em 92 a. C, fechar as escolas dos retores latinos, de marcada influência grega. Sobre os motivos que o levaram a isso cf. III, 92-93.
  - 6 Sobre as cantilenas dos retores, cf. I, 105 (supracitado) e sobre o título de *Graeculi* aos retores gregos, cf. I, 47.
  - 7 *Puerilis doctrina*, isto é, a educação do *puer*, o menino entre 7 e 15 anos. Tradicionalmente, neste período, mais especificamente nos seus últimos quatro anos, o menino submetia-se ao ensino do *grammaticus*, que o ensinava a usar corretamente a língua e a interpretar os poetas. Mas, não raro, rudimentos de retórica também já faziam parte deste ensino gramatical. É sabido que Cícero teria recebido formação no tocante à retórica bem antes dos 16 anos (Clarke, 1968, p. 20). Provavelmente, na passagem citada, por *puerilis doctrina* Cícero está se referindo a esse ensino rudimentar de retórica recebido por ele e seu irmão durante a *pueritia*, ensino que, limitado por sua função introdutória, devia incluir uma exposição simplificada e algo rígida dos preceitos retóricos.

- 8 A *disputatio in utramque partem* era um método de aproximação da verdade, pelo qual se discutia ambos os lados de uma mesma questão, apresentando os argumentos tanto favoráveis quanto contrários a esta. Antônio rebate a argumentação de Crasso com o intuito mais de apresentar o outro lado da questão do que de afirmar uma opinião verdadeiramente sua, como o próprio Antônio o admite (cf. I, 263-264; II, 40-41).
- 9 Mendelson (1997, p. 19-20 *et pas.*) apresenta a tese de que Cícero desenvolve no *De oratore* uma “pedagogia da controvérsia”, que é defendida não apenas de forma discursiva, isto é, como tema, mas também de forma dramática, através da própria ação do diálogo.
- 10 Nota-se na composição do *De oratore* a intenção de Cícero de distinguir sua obra o máximo possível da estrutura dos manuais tradicionais de retórica caracterizados pelo formalismo. Cícero foge, em seu diálogo, da exposição linear e unívoca, típica dos retores. Além disso, procura substituir os termos técnicos da retórica por perifrases explicativas (cf. Clarke, 1966, p. 52).
- 11 Cícero usa o termo *Graecus* pejorativamente para referir-se aos retores gregos, “que ficam buzinando em nossos ouvidos” (“*qui se inculcant auribus nostris*”), e não àqueles gregos “que em suas cidades foram ilustres e magnos” (“*qui in ciuitatibus suis clari et magni fuerunt*”) (II, 19), pois ele está longe de querer desprezar o legado grego, sobretudo no tocante à filosofia.
- 12 Isto é, Cota e Sulpício, “jovens de sumo talento”, participantes do diálogo.
- 13 Uma observação de Mendelson (1997, p.23) merece ser aqui citada: “Dado o fato de que o próprio diálogo se desenvolve a partir do pedido dos jovens, os quais desejam solicitar as opiniões de seus mentores sobre a prática da oratória, o texto pode ser descrito como uma ‘*master class*’ em que os professores exibem a experiência acumulada em sua longa e distinta carreira”.
- 14 Este é um bordão que Cícero coloca na boca de Crasso, bem como na de Antônio, de alto poder contrastivo ante as notáveis demonstrações de conhecimento destas duas personagens ao longo de todo o *De oratore* (cf., por ex., I, 99). É muito mais um recurso para aumentar o valor do orador, driblando a crença predominante em Roma, já mencionada acima, de que um orador mereceria tanto mais elogios quanto mais “natural” fosse a sua eloquência.
- 15 Os primeiros retores gregos chegaram a Roma no século II a. C e a primeira escola de retores latinos só foi aberta, e não sem dificuldades, em 93 a. C (cf. Marrou, 1950, p. 342).
- 16 Na Roma antiga era costume que o *puer* (o menino de 7 a 15 anos) tivesse a sua educação a cargo do pai, dos tios e / ou dos amigos do pai. Esta educação na *pueritia* consistia principalmente em o pai levar consigo o filho ao fórum e a reuniões particulares. Era um exercício de audição e de observação que preparava o menino para a eloquência e para a vida pública. Sobre o caráter familiar da educação do romano, cf. Marrou, 1950, p. 316-324.
- 17 Para Antônio, a suspeita de técnica (“*suspicionem artificii*”) é prejudicial ao orador, pois “diminui tanto a autoridade do orador quanto a fé no discurso” (II, 156).
- 18 Para *doctrina* em sentido estrito, cf., por ex., I, 145 (supracitado); em sentido amplo, cf., por ex., III, 84 (supracitado). Jüssen & Schrimpf (col. 256) notaram que a oscilação no

uso do termo *doctrina* decorre de Cícero, que o utiliza para designar, juntamente com o termo *ars*, o cânone educacional global (*enkyklios paidéia*) que os romanos assumiram dos gregos. Simultaneamente *doctrina* também designa cada uma das esferas particulares de saber que compõem este cânone.

- 19 Note-se que a *doctrina* aqui não tem mais que certa serventia, enquanto que em III, 84 (supracitado) o mesmo Crasso diz ser ela essencial ao orador. Isto certamente se explica por aquela ambivalência conferida por Cícero ao termo.
- 20 No contexto desta passagem Crasso está a acusar filósofos e retores gregos de terem distinguido “a ciência do pensar com sabedoria e a do dizer com ornamentação” (III, 60)
- 21 Foi Hermágoras de Temnos, o famoso retor do século II a. C., que classificou a matéria da retórica em *theses (quaestiones infinitae)* e *hypotheses (quaestiones finitae, causae)*. Com o tratamento das *theses*, a retórica invadia o território da filosofia, o que foi motivo de muita contenda.
- 22 Segundo Antônio, foi o filósofo Mnesarco que chamou de “*operarios*” aos oradores educados pelos retores. Como estóico, Mnesarco considerava que o verdadeiro orador seria apenas o sábio. A mesma opinião é defendida por Crasso em III, 55 e 65.
- 23 Como bem notou Kennedy (1972, p. 229) acerca de Cícero e sua relação com a filosofia: “A filosofia sempre o fascinou, mas jamais o satisfez”.
- 24 Cf. principalmente III, 56-81 e 132-145.
- 25 Neste trecho encontra-se ainda uma das famosas listas dos sete sábios da Grécia, todos, para Cícero, além de sábios, eloquentes.
- 26 Alain Michel (1984, p. 131) designa esta união entre retórica e filosofia como o ponto essencial do humanismo ciceroniano.

## BIBLIOGRAFIA

- CICERÓN. *Acerca del Orador*. Introducción, versión y notas de Amparo Gaos Schmidt. Ciudad del México: UNAM, 1995. 2 v.
- CLARKE, M. L. *Rhetoric at Rome: A Historical Survey*. 2. ed. London: Routledge, 1966.
- \_\_\_\_\_. Cicero at School. *Greece and Rome*, v. XV-1, p. 18-22, 1968.
- JÜSSEN, G. Disciplina, doctrina. In: *Historisches Wörterbuch der Philosophie*. Basel, v. 2, col. 256-261, 1972.
- KENNEDY, G. *The Art of Rhetoric in the Roman World, 300 b.c.-A.D 300*. Princeton: Princeton University Press, 1972.
- MARROU, H. I. *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*. Deuxième édition revue et augmentée. Paris: Seuil, 1950.

MENDELSON, M. Everything must be argued: Rhetorical Theory and Pedagogical Practice in Cicero's *De Oratore*. *Journal of Education*, v. 179-1, p.15-47, 1997.

MICHEL, A. Humanisme et anthropologie chez Cicéron. *Révue des Études Latines*. Paris, v. 62, p. 128-142, 1984.

VASCONCELOS, B.A. *Éducation oratoire dans le De oratore de Cicerón.*

RÉSUMÉ: *Dans les trois livres du De oratore Cicerón présente l'éducation qui doit former l'orateur, plus précisément le summus orator, l'idéal cicéronien de l'orateur et de l'homme. Pour Cicerón la formation d'un tel orateur demande, d'un côté, un curriculum plus vaste que celui offert dans les écoles rhétoriques de l'époque et, de l'autre côté, une expérience publique absente de l'enseignement donné par les philosophes. Dans le De oratore Cicerón conçoit l'éducation oratoire à partir de ces deux traditions pédagogiques de son temps, toutes les deux d'origine grecque, en essayant, en même temps, de récupérer et d'amplifier l'ancienne façon romaine d'éduquer. Le présent article propose quelques approches de cette conception de Cicerón.*

MOTS-CLEFS: *rhétorique; éducation romaine; Cicerón; De oratore.*